

DISCURSO PROFERIDO NA SESSAO SOLENE  
COMEMORATIVA DOS 120 ANOS DE FUNDAÇÃO DA  
FACULDADE DE DIREITO DA UFMG

Meus caros professores, professoras, alunos, alunas, servidores,  
amigos, autoridades presentes, meus pais, Humberto e Margarida:

Em seu poema “Ensino”, a poetisa mineira Adélia Prado  
declara, com a singeleza e a pureza próprios do povo mineiro:

*“Minha mãe achava estudo a coisa mais  
fina do mundo.*

*Não é.*

*A coisa mais fina do mundo é o  
sentimento.”*

É com muita alegria que saúdo a Faculdade de Direito da UFMG,  
a Casa de Afonso Pena, pelos seus 120 anos de Fundação,  
Escola em que tive a honra de estudar, tenho a honra de aprender

todos os dias, e que hoje, para minha grande emoção, tenho a honra de dirigir.

A Casa de Afonso Pena, meus caros, constitui-se, sem dúvida alguma, em uma Casa de estudo de excelência. O Direito que aqui se faz, fruto da inquietude intelectual de seus membros, é reconhecido nacional e internacionalmente como de indiscutível qualidade. Aqui se fundaram grandes teses e teorias, formaram-se grandes juristas, seus espaços serviram de ambiente para boa conspiração e criação de outras tantas e nobres Instituições da República. *Mas isso não é tudo* e essa descrição torna-se incompleta e infiel à infinita grandeza da Instituição: é que esta Casa deve, sobretudo, e bem ao modo mineiro, meus amigos, ser descrita como a *Casa do Sentimento e do Afeto*.

A conclusão que ora compartilho resulta de minha vivência pessoal, mas, principalmente, de minha experiência institucional, em especial, no decorrer do último ano, como Diretora desta Faculdade. Resulta, igualmente, da irrecusável comprovação daquilo que Luc Ferry nos adverte com precisão: as coisas do amor, mesmo sendo evidentes, não são simples de serem confessadas, e, devo acrescentar, mais difíceis ainda de serem

adequadamente descritas. Mas as coisas do sentimento e do amor são irrefutáveis, e, rigorosamente em relação àquilo que ora nos reúne, a todos, aqui, esta noite, podem ser assim definidas: todos os que por esta Casa passaram encontram-se inexoravelmente condenados à doce pena de guardar, em seus corações, o profundo afeto que esta Casa nos causa. Esse sentimento puro e nobre, que une a cada um de nós e une todos nós à Instituição, revela-se transformador e perene, tornando esta centenária Instituição, eterna. Ao aqui ingressar, somos, todos e cada um de nós, contemplados de forma indeclinável com uma centenária herança de ternura e estima. Esse elo que desafia o tempo e as diferenças tornam esta Instituição de Ensino definitivamente sacralizada pelo sentimento.

Se a Casa de Afonso Pena é, então, reconheça-se, a *Casa do Sentimento e do Afeto*, ela é, singularmente, e por isso mesmo, a morada de *pessoas humanas*. As *pessoas humanas* constituem sua razão de ser, seu fundamento, sua alma e o seu patrimônio.

De seus bancos, em seus corredores, por suas escadarias, ao longo desses 120 anos, circularam personalidades que se tornaram de grande relevo em todas as áreas: nas artes, na

política, na comunidade jurídica nacional e internacional. Circularam, igualmente, anônimos intensos e sutis, a escreverem, todos juntos, a própria história e a história do seu tempo. Comemorar os 120 anos da Vetusta Casa de Afonso Pena é, pois, celebrar a *pessoa humana*.

Não a pessoa humana em abstrato, mas a pessoa humana em ação, inquieta transformadora do seu tempo e espaço, decidida construtora de novos tempos. Foi do sonho empreendedor de um grupo de pessoas corajosas e visionárias de novos horizontes, em um cenário em que um Belo Horizonte era, ainda, uma possibilidade, que surgiu esta Instituição, tão grande quanto elas, maior do que elas.

Sendo obra humana, a Escola então fundada moveu-se ao longo de sua centenária história pela cadência própria da virtude e da coragem. *Virtude*, no sentido aristotélico de disposição adquirida de fazer o bem, e *coragem*, no sentido virtuoso de ímpeto a serviço de uma causa generosa.

Sendo obra de pessoas humanas, esta é também a Casa da dignidade e da memória, do pensamento e da reflexão, do projeto

e do porvir. Ela é sólida, e já foi força a impelir e a reagir a movimentos oficiais a fragilizar os direitos das pessoas, mas também sabe ser suave, a propiciar e servir de cenário a alguns dos momentos mais delicados e aprazíveis daqueles em cujas existências por ela transita.

Se, como nos ensinou o poeta que carrega o humanismo no nome, Fernando Pessoa, “a vida é breve, a alma é vasta”, a Vetusta Casa de Afonso Pena é eterna, como são eternas as Pessoas.

Comemoremos, felizes, seus 120 anos! Celebremos, sempre, o sentimento humano.

*Auditório Alberto Deodato,*

*10 de dezembro de 2012.*

*Amanda Flávio de Oliveira*

*Diretora da Faculdade de Direito da UFMG*